

EDITORIAL

POR QUE FAÇO E NÃO PUBLICO? Parte 1

Eneida Rejane RABELO^a

A literatura científica está explodindo em quantidade e qualidade, elevando o número de publicações que chegam aos revisores dos principais periódicos. A produção de conhecimento e a divulgação do que é produzido é obrigação de pesquisadores comprometidos com a evolução da ciência e, principalmente, com o crescimento da sua área de especialidade.

Em contrapartida, a publicação de resultados de pesquisa ainda está muito aquém do total que de fato é produzido. Seguramente se produz mais do que se publica. Mas, então, por que fazemos pesquisa e não divulgamos? A resposta para essa pergunta pode ser: **depende**. Depende de **nós, pesquisadores**, ou depende **das revistas** que rejeitam nossos artigos, embora eu tenha uma forte tendência a acreditar que dependa **muito mais de nós!**

Dentre as razões pelas quais não conseguimos escrever o que produzimos destacam-se a dificuldade de redação, os resultados negativos e os achados que não acrescentam nada novo ou relevante ao conhecimento contemporâneo sobre o tema. Somadas a isso, na categoria pessoal, as razões apontadas são a falta de tempo, de organização, de disciplina e, principalmente, de experiência.

Os pesquisadores devem escrever de acordo com os padrões exigidos pela ciência; contudo, nem todos dominam a linguagem científica. Muitos editores indicam a **falta de estilo** como principal motivo para recusa de artigos enviados por cientistas dos países em desenvolvimento⁽¹⁾. As principais revistas de enfermagem do Brasil, todas com inserção internacional, registraram no ano de 2009 taxas de recusa de artigos que variam de 35 a 76%. A interpretação dessas taxas confirma que muitos pesquisadores apresentam deficiência na linguagem científica.

A literatura apresenta uma regra básica, a qual recomenda que nunca se deve terminar um estudo para só depois sentar e escrever o *paper*⁽²⁾. Apesar de parecer paradoxal, talvez seja mesmo importante escrever o artigo durante o processo de desenvolvimento da pesquisa, a fim de manter o entusiasmo e evitar a contaminação de um possível resultado negativo ao final do estudo.

Um físico chamado Faraday disse certa vez: "Trabalhar; terminar; publicar"⁽³⁾. Se você começou e não terminou, por que começou? Se terminou e não publicou, por que você começou?

Pois bem: comece por você, entendendo, principalmente, que é fundamental ter atração e interesse pelo tema. Atente para a questão de pesquisa: essa deve ser **factível, interessante, nova** (ou que questione o que já se sabe ou existe), **ética e relevante** (ao conhecimento e à ciência)⁽⁴⁾. Recentemente autores definiram que os revisores exigem de um artigo enviado para publicação três critérios: relevância, originalidade e validade científica. Além disso, o artigo deve ser claro e bem escrito⁽⁵⁾.

Alie-se a um grupo produtivo que **exija** produção e subsequente publicação. Invista em você: domine a literatura e o inglês; tenha a disciplina como palavra de ordem no seu dia-a-dia; seja organizado e defina uma prioridade em todas as suas atribuições; seja persistente, ambicioso e curioso, adjetivos estimados em todo bom pesquisador.

Na redação do texto, vale lembrar que tanto a forma como o conteúdo são importantes. É impossível transmitir-se uma informação relevante e pertinente se esta não estiver bem apresentada. Contudo, uma excelente apresentação não substitui experimentos mal planejados, resultados duvidosos ou uma argumentação não convincente⁽⁶⁾.

Na parte 2 deste editorial você encontrará algumas sugestões importantes para melhorar a sua redação. A leitura das referências que embasam esse e o próximo editorial trazem mais detalhes sobre redação científica e eu as recomendo.

As leituras dos artigos desta edição que contemplam diversas áreas do conhecimento como: saúde da criança, do adolescente, da mulher, do adulto e do idoso, saúde mental e gerenciamento, também devem servir de estímulo e modelo para uma redação científica adequada à temática em estudo.

REFERÊNCIAS

- 1 Valenti WC. Cientistas também precisam ter estilo. J Cons Reg Biol. 1998;49:7.
- 2 Van Way III CW. Writing a scientific paper. Nutr Clin Pract. 2007;22(6):636-40.
- 3 Michael Faraday [Internet]. [S.l.]: Wikipedia; 2010 [citado 2010 set 06]. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Michael_Faraday.
- 4 Huley S, Cummings S. Delineando a pesquisa clínica. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed; 2008.
- 5 Davidson AJ, Carlin JB. What a reviewer wants. Paediatr Anaesth. 2008;18(12):1149-56.
- 6 Abrahamsohn PA. Redação científica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 2004.

^a Professora Adjunta da Escola de Enfermagem e dos Programas de Pós-Graduação em Enfermagem e Ciências Cardiovasculares: Cardiologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.